

tivessem iguais direitos, e isso em sucessivos interrogatórios: a igualdade de direitos era sacrílega.

Profunda era a desconfiança dos estrangeiros, e tinha as suas razões. Carta Régia de 1792 recomendava muito cuidado com o navio *Le Dilligent* que andava nos mares do sul em busca do explorador La Pérouse: “era pretexto para introduzir nas colônias estrangeiras o mesmo espírito de liberdade que reinava neste país” (a França), e acrescentava que a Constituição Francesa já estava traduzida em português e espanhol. Mas as idéias chegavam, realmente, burlando a vigilância: boletins espalhados na Bahia, às vésperas do movimento de 1798, diziam: “Animai-vos, povo baianense, que está para chegar o tempo feliz de nossa liberdade, o tempo em que todos serão iguais”. Em Pernambuco, o Seminário de Azeredo Coutinho tornara-se um dos centros de pregação liberal: entre os seus primeiros mestres estavam os padres Miguel Joaquim de Almeida e Castro — depois celebrizado como Padre Miguelinho — e João Ribeiro, figura extraordinária do movimento de 1817. Ensinava o primeiro Retórica e Poética; Desenho, o segundo. Mais adiante, ali lecionou outro padre de cultura invulgar, Miguel do Sacramento Lopes Gama — o Padre Carapuceiro. As teorias de Rousseau influíam em pastorais, como a do deão Manuel Vieira de Lemos Sampaio, governador do bispado que, em 1817, sustentaria não ser a revolução republicana contrária ao Evangelho, visto que o direito da casa de Bragança se fundava em contrato bilateral, de que estavam desobrigados os povos, por ter a dinastia faltado primeiro às suas obrigações.

As sociedades secretas multiplicavam-se. O *Areópago de Itambé* parece datar dos fins do século XVIII e ensejou as academias Suassuna e Paraíso, inspiradas pelo sábio Manuel de Arruda Câmara, carmelita secularizado, médico formado em Montpellier, com passagem por Coimbra, entusiasta das idéias francesas, iniciado na maçonaria quando de sua estada na Europa. À sombra das lojas maçônicas, aliás, vivem Domingos José Martins, espírito-santense que foi comerciante na Bahia e em Londres, jacobino apaixonado; Antônio Gonçalves da Cruz, o Cabugá, mulato viajado que punha, em sua casa, em lugar de destaque, o retrato das figuras mais notáveis das revoluções francesa e americana; e tantos outros, ao longo de muitos decênios.

Mas não apenas a maçonaria permitia agrupar os que pensavam melhor, na fase final do período colonial — também a Igreja, pelas suas figuras mais eminentes, senão como organização, pelo menos pela ação individual de destacados servidores, homens como Luís Vieira, Francisco Vidal Barbosa, Matias Alves de Oliveira, Rodrigues da Costa, Carlos Correia, José Lopes de Oliveira, Silva Rolim, conjurados mineiros de 1789;